

Alquimia dos amores impossíveis

Suely Engelhard

A flecha de Eros não se preocupa em acertar o que é possível, isto é, o amor que estaria cabível de ocorrer dentro dos valores afetivos culturais de uma sociedade.

Em muitas situações amores impossíveis são ativados, isso é um fenômeno arquetípicos contados em diferentes mitos de diferentes culturas, cantado em canções, registrado em películas, escrito em prosa e verso e presentes na vida.

Como se dá a alquimia daquilo que se atrai, mas não pode permanecer junto? Serão encontros sempre fadados ao trágico e a fatalidade? Haverá uma saída resiliente para essas atrações?

Se nos voltarmos para os gregos e suas histórias míticas, temos exemplos de amores impossíveis que resultaram em expiação e dor, como o Afrodite e Áries gerando Hefestos, o de Sêmele e Zeus, dando luz à Dioniso, mas também de outros que puderam encontrar uma solução criativa com os amantes não permanecendo juntos mas com o amor perpetuado.

Entre outros temos Zeus, que vem em forma de chuva de ouro para fecundar Dânae gerando Perseu, temos Zeus se metamorfoseando em touro para amar Europa à sombra dos plátanos que a partir de então conservaram suas flores mesmo no inverno ou Zeus como cisne fecundando Leda que dá a luz a dois filho imortais, Helena e Pólux e dois mortais que seriam filhos de Tíndaro, Castor e Clitemnestra.

No mito do guaraná dos nossos índios Saterê-Mawê da região do Amazonas nós temos uma história de amor impossível que, apesar das consequências, trágicas consegue ter um final de resiliência e transformação. Ele é assim contado:

No começo de tudo existiam dois irmãos e sua irmã, uma bela moça conhecedora dos segredos das plantas medicinais e das artes da cura. Certo dia, uma cobrinha macho querendo a moça espalha pelo seu caminho um perfume alegre e sedutor. A moça gostou do cheiro e assim a cobrinha se põe no caminho dela e a toca com o rabo em seu calcanhar. Ela então engravida. Os irmãos não gostaram de nada disso e ficaram furiosos. Despedaçam então a cobrinha, pois não queria um cunhado cobra e também não queriam que a moça tivesse aquele filho. Ela se zanga e então é expulsa pelos irmãos. Lembra algum mito à vocês? Mais ou menos o mito do Paraíso.

Vai viver sozinha e com a ajuda dos bichos da floresta tem o seu filho, que cresce e passa a ter a vontade de comer da fruta que os tios gostavam. A moça conta para ele o que ocorreu ainda quando ele estava na barriga dela e conta também desse lugar cheio de árvores que dão a fruta mais gostosa que já havia provado, a castanha-do-pará. Conta que seus tios a proibiram de voltar lá e colocaram animais guardando as árvores. O pequeno, porém continuava a choramingar e a pedir para comer daquela fruta. Finalmente, rendendo-se aos seus pedidos, a moça leva seu filho para comê-la. Quando a cotia, responsável por tomar conta do lugar chega, percebe o que ocorrera e conta para os tios que vão colocar um reforço na vigilância das árvores. Tempos depois, o filho que havia aprendido o caminho, desobedece a mãe e voltara sozinho para comer do fruto proibido. Os animais de vigia o veem subindo na árvore e deceparam a sua cabeça. A mãe chega tarde de mais e encontra o filho morto. Então sentencia: Seus tios verão sua morte se transformar em benção. Arrancou o olho esquerdo do filho e plantou em terras amarelas e daí nasce o falso guaraná. O olho direito plantou em terras pretas e dele nasceu o guaraná verdadeiro e ela ficou satisfeita com a sua criação. Dos olhos do seu filho nasceu a esperança. Ela colheu apenas os frutos do verdadeiro guaraná para dar longa vida aos seres humanos, e especialmente ao povo Satarê-Mawê que um dia floresceriam das entranhas de seu filho e que seriam os guardiões da floresta.

Na lenda medieval de Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda, temos a relação de amor proibido de Guinevere e Lancelot. Segundo a lenda, Lancelot era filho do rei Ban, de Benoic, e da rainha Helena, mas foi raptado ainda criança pela dama do Lago que o educa e o torna o melhor cavaleiro da Távola Redonda e o melhor mestre-d'armas do rei Arthur.

Lancelot mantinha vínculos com Avalon, que era a terra da dama do lago e sempre que podia visitava a sua mãe, porém ele não seguia nenhuma das duas religiões da época, nem a católica nem a céltica. Ele era apaixonado por Guinevere antes mesmo desta se tornar rainha. A sua vida sempre foi regada por vitórias em batalhas e campeonatos.

No nosso cancioneiro popular, nós temos a marchinha “Estrala-do-mar”, de Marino Pinto e Paulo Soledade, que aborda o mesmo impasse com um final criativo.

Um pequenino grão de areia
que era um grande sonhador
olhando o céu viu uma estrela
e imaginou coisas de amor.

Passaram anos, muitos anos
ela no céu e ele no mar.
dizem que nunca o pobrezinho
pôde com ela se encontrar.

Se houve ou se não houve alguma coisa entre eles dois
ninguém soube até hoje explicar
O que há de verdade é que depois, muito depois
apareceu a estrela-do-mar.

Assim ter criatividade e resiliência não é igual à ser atingido no lugar comum, a acomodação aos padrões conhecidos e socialmente aceitos. É sim se conseguir uma resolução onde o amor se torna possível, a força da vida prevaleça em uma equação inesperada, fantástica e surpreendente, como a que se dá nessa canção.

Diferentemente desta outra canção, há uma do mestre Lupicínio Rodrigues, que se chama “Ela disse-me assim”. Nela, os apaixonados, por não saberem conter seus desejos em uma alquimia criativa, sofrem uma desilusão e a dor de um amor que não poderá mais ser vivido criativamente. Lupicínio Rodrigues é um grande cancioneiro, famoso por canções sobre dores de amores.

Ela disse-me assim:
“Tenha pena de mim, vá embora!
Ele pode chegar
vais me prejudicar, tá na hora!”

Eu não tinha motivo nenhum
para me recusar
mas, aos beijos, caí em seus braços
e pedi para ficar

Sabe o que se passou?
ele nos encontrou e agora
ela sofre somente porque
fui fazer o que eu quis

E o remorso está me torturando
por ter feito a loucura que fiz
por um simples prazer
fui fazer meu amor infeliz

Segundo Étienne Perrot, a descoberta capital do Jung é o processo de individuação, a união mística que integra o bem e o mal, a água da imaginação restaurando a alma feminina, úmida ligação da terra, do corpo com o fogo do espírito.

Neste caminho, quando transpomos o limiar de nossos aspectos sombrios e nos tornamos capazes de reconhecer o nosso pior e nos revelarmos com humildade a nós mesmos, a impulsão da nossa contraparte anímica nos instiga a não permanecermos prisioneiros dos códigos sociais. Passamos a ter que ser fiéis ao nosso processo de individuação mesmo que isso signifique romper e se opor ao que o coletivo preconiza sem, entretanto, deixar de reconhecer a sua relevância.

Os arquétipos do animus na mulher e da anima no homem quando, ao inaugurar o dinamismo de alteridade no desenvolvimento da personalidade estão menos sombrios, isto é, estão menos contaminados de emoções carregadas de afetos inconscientes, tornam-se aliados poderosos para que a alquimia dos amores impossíveis encontre uma solução criativa.

Aqui já não se encontra mais uma identificação do ego com eles e nem uma submissão inconsciente que leva a atrações fatais. Só podemos conhecer a realidade do arquétipo da anima e do animus na relação com o indivíduo oposto a nossa sexualidade porque só nesta relação a projeção será realizada com eficiência.

Quando tomamos consciência deste fenômeno, ocorre no homem uma tríade: o sujeito masculino, o sujeito feminino e a anima transcendente. Na mulher se dá o mesmo, o sujeito feminino, o sujeito masculino e o animus transcendente.

O que o mecanismo de alteridade propicia é que se expressem as diferenças e semelhanças do eu e do outro tornando possível que toda essa realidade seja vivenciada com liberdade. No seu aspecto sombrio o seu potencial se caricaturisa, tornando, por exemplo, a democracia em demagogia e corrupção, justiça em protecionismo e parcialidades, amores impossíveis em destrutividade e dilaceração humana.

Por seu desapego a sensualidade e ao poder, é que este mecanismo é reconhecido como essencial para as descobertas científicas, pois explica a sabedoria do paradoxo e é capaz de lidar com o metafórico criativamente. Fica, portanto aberto um canal para que as manifestações do self cheguem ao ego do indivíduo que se torna capaz de compreender conscientemente seus significados e sentidos.

Dá-se a coniunctio, o casamento de opostos. A força anímica tem participação positiva na escolha da pessoa como parceira afetiva, na identificação e discernimento dos aspectos inconscientes dos sentimentos. É guia e mediadora entre o mundo interno e a totalidade psíquica, entre ego e self. Em função da estruturação já vivenciada, o ego pode transcender os dinamismos parentais estabelecendo com o Self uma vivência criativa, isto é, as polaridades dos símbolos eixo ego-Self serão absorvidas pela consciência de forma dialética. O ego se torna capaz de perceber que existe uma dualidade em cada polo do símbolo e de se relacionar com eles dialeticamente. Vejo a minha sombra e a do outro e posso inter-relacionar eu/outro significativamente, empatizando e imaginando trocas de posição com ele. O confronto de opostos torna-se algo criativo.

A identificação e coerência do eu se mantém, mas o indivíduo se abre respeitosamente para o outro, já que reconhece a necessidade que dele tem para se complementar e para preservar a sua vivência de totalidade.

A sincronicidade é aqui um princípio de orientação. Sincronicidade é um princípio não causal de conexão entre fatos que podem ser ou não coincidentes em tempo e espaço, mas que tem sempre uma conexão psicológica significativa. A vivência sincronística se dá quando a realidade interna e externa se inter-relacionam conscientemente em uma intercessão.

A paixão é o primeiro sinal de que a força anímica se projetou sobre o objeto amado e desejado. Nesse momento há a entrega ao outro onde a complementaridade perfeita acontece. Impulsionados pela inconsciência amorosa os apaixonados tornam-se fusionados, necessitam um do outro para viver e se equilibrar.

Eu sem você não tenho porquê
Porque sem você não sei nem chorar
sou chama sem luz, jardim sem luar
luar sem amor, amor sem se dar.

(Samba em Prelúdio - Toquinho e Vinícius)

Passado esses primeiros tempos da paixão sem consciência, o encantamento começa a se desfazer e cada um passa a se dar conta de que o outro não é simplesmente o seu desejo, nem o sonho e ideal que tem em sua cabeça, o outro é também uma pessoa com ideias e sonhos próprios e com questões sombrias mal resolvidas em sua identidade.

Se isso não se der, morre-se de paixão, isto é, fica-se prisioneiro da inconsciência de si mesmo. A intimidade da relação a dois expõe de modo muito claro aquilo que cada um se tornou até aquele momento do encontro. Isso que parece ser “a sua verdade absoluta” fica palpável e então revelações acontecem.

A experiência do encontro e da alquimia do amor entre eu e o outro se transforma na medida em que rituais de renovação se dão. Muitos desses rituais advêm das vivências simbólicas das relações de amor a dois com os quais se conviveu e recebeu como modelo. É aí então que Eros pode viver como amor ao que o outro realmente é, acontecendo a interação criativa dos opostos.

Mas e quando este processo ocorre entre pessoas que não tenham a possibilidade de organizar e elaborar este encontro de amor? Quando é o impossível que cria o caminho do encontro?

Nos casos que relato a seguir veremos como dois casais que se encontraram e não puderam formalizar este encontro dentro dos padrões sociais vigentes, conseguiu cada um com sua criatividade uma solução satisfatória.

No primeiro caso eles se conheceram quando ela era casada, mãe de dois filhos resolveu estudar algo novo. Ele era o professor, solteiro, com namorada firme e poucos anos mais novo do que ela. De início houve uma certa implicância dele com a aluna, sempre a pressionando e a cobrando quando esta faltava. Desagradada por esta atitude, decidiu pedir-lhe que a compreendesse pois tinha muitas coisas a cumprir além das tarefas de casa, trabalhar, tinha família e coisas para cuidar. Ele então torna-se mais delicado e menos intolerante.

Um dia, tendo chegado mais cedo no curso, o professor estava sozinho e super bem vestido. Ela comenta como ele havia caprichado no visual, e pergunta se ele iria a algum evento após a aula. Ele responde que se arrumara assim por causa dela, porque iria encontrá-la para a aula. Ela fica sem graça, dá um sorriso amarelo e vai ao banheiro para se recompor, pois percebe que quando ele lhe diz isso, ela passa a tremer e suar sem controle. A partir disso as aulas se tornam particulares, pois mesmo estando com outros alunos em sala, eles só viam um ao outro. A paixão os pegou.

Como tinham amigos em comum se encontravam em festas onde sempre rolava um clima. Dançavam juntos, dividiam o mesmo copo etc. Custaram para sair juntos, somente os dois e quando isso se deu, foi um momento muito maior do que apenas um bom sexo. Conversaram muito e se tornaram tão cúmplices que a partir de então quase nada precisava ser dito entre eles para que se entendessem. Criaram uma intimidade sólida.

Continuaram a se encontrar e a cumplicidade ficou cada vez maior. Ele diz que para assumi-la teriam que ir para um lugar muito distante, que é um lugar de idealização dele. Ela diz que não pede isso a ele e que não é isso que busca nessa relação.

Ela engravida de mais um filho e ele fica noivo e seu casamento é marcado para algumas semanas antes do filho dela nascer, pois queriam estar juntos nesse momento tão fundamental. Entretanto, o bebê nasceu antes do casamento. Isto o deixa muito transtornado, pois ela não poderia comparecer a cerimônia. Ele ficou tão perturbado que sua mãe lhe diz: "Nossa, parece até que ela é que é a noiva".

Os dois se emocionam quando podem se encontrar e parabenizam-se, o que é entendido pelos demais como um gesto carinhoso entre amigos. Permanecem por muitos anos tendo encontros ocasionais, muitos ocasionais, mas aos poucos já não se viam mais. Entretanto, o amor entre eles nunca se desfez.

Por ocasião da morte trágica de um parente muito querido dele, ele só desmoronou em prantos quando ela chegou no velório e se abraçaram. Toda a família ficou aliviada e foram os comentários de depois porque até então ele estava petrificado.

Ele foi pai algumas vezes e raramente se encontravam, mas qualquer evento festivo era motivo para ficarem próximos e se retroalimentarem.

Há alguns anos já não se viam, quando ela passou com uma amiga por perto de onde ele trabalhava e comentou sobre isso. Era um lugar bastante movimentado no centro de uma grande cidade. Ao parar o carro em um sinal, e ela, que estava na direção, olhar para o lado, ele estava dentro de um táxi. Ambos se viram e se cumprimentaram efusivamente. Depois ele lhe telefonou e pediu para se encontrarem, pois precisava dizer que não fora por acaso que se viram. Ele estava vivendo um grave problema e naquele momento estava indo para resolvê-lo, mas pensando muito nela. A sincronicidade se dá na alteridade.

Mais de trinta anos depois de se apaixonarem encontraram-se casualmente na rua e puderam dizer um para o outro: somos pessoas felizes e você é responsável por uma grande parcela desta minha felicidade. Eu te amo para sempre.

Nessa história o amor pode ser vivido sem posse e com a vida conduzindo os que se amam para um encontro que transcende as situações e efemeridades do cotidiano. As situações que os impediam de viver a dois foram inteligentemente respeitadas.

No segundo caso, um homem casado com uma namorada de infância, pai de um filho, na ocasião com idade de nove anos, conhece no trabalho uma colega solteira.

De início formam uma parceria funcional muito eficiente, mas aos poucos se percebem apaixonados. Embora lutem para não se envolver, Eros é mais poderoso e os aprisiona num envolvimento dos laços da paixão.

Conseguem criar situações de encontro amoroso, mas o que os une é muito mais do que isso, é a capacidade de serem cúmplices um do outro, das questões emocionais que os permeiam. Tem a capacidade de conversar horas a fio, bastando um simples olhar para entender o que um ou o outro

queria dizer ou necessitava ouvir. Ele pensa na possibilidade de se separar da esposa, mas um sonho lhe revela a impossibilidade de tal fato.

Sonha que se encontra num vão de escada da sua casa de infância, tentando sair desse pedaço. Consegue se levantar e dar alguns passos até a porta de saída, mas algo o atrapalha e o impede que vá à diante. Um quadro enorme que tem um retrato.

Ele se aproxima e reconhece a fotografia da sua mãe.

Nas associações feitas diz que sua mãe, morta já há alguns anos, era muito ligada e grande amiga da nora que conhecia desde menina. Eram vizinhos de andar no prédio onde moravam. Sua mãe sempre foi muito próxima a ela grande incentivadora da relação dos dois. A partir daí sua relação com a outra passa a ser administrada com ambos sabendo que o máximo que poderiam viver seria a cumplicidade da relação criada e que nem ele nem ela poderiam exigir mais um do outro.

Ele chegou a ter um grave problema de coluna por tentar forçar ir além do possível nesta relação. Eles permaneceram atentos a sua relação mesmo tendo se distanciado. Ele permanecendo dentro do casamento e ela construindo sua vida com outra pessoa. Entretanto, o amor que os unia nunca deixou de existir, mesmo sabendo que não permaneceriam juntos.

A cumplicidade desse amor impossível de se construir dentro do modelo da sociedade em que vivem é a pedra de toque da poção alquimicamente perfeita que leva o mundo a também se alimentar de deliciosos arranjos sutis.

Este mesmo tipo de experiência foi poeticamente muito bem apresentado no filme *As pontes de Madison* (1995), direção de Clint Eastwood, baseado no livro de Robert James Waller. A história é de um amor impraticável de ser levado adiante. A personagem feminina tinha noção de que a sua família não suportaria sofrer uma desarticulação, mas aquele amor impossível não deixou de ser o sustentáculo de sua vida. Após sua morte, ao deixar em carta para os seus filhos já adultos a revelação de sua história, isto lhes dá a energia para questionarem e/ou reafirmarem suas parcerias afetivas. Quando os filhos acabam de ler a carta, o filho homem sai correndo para falar com a sua esposa para questionar se ele a faz feliz, se ela é feliz no relacionamento com ele. Já a filha se veste com o vestido que a mãe usaria para fugir com o amante, liga para o marido e diz que não vai voltar para casa.

A energia psicológica tem exigências próprias a serem satisfeitas e, para tanto, há que se estabelecer um fluxo. Este fluxo tem que atender ao fluxo natural para que a vida se dê. Jung pontua: “Considerando o destino de certas personalidades dotadas de grande força de vontade, é um erro fundamental querer submeter seu próprio destino a sua vontade à qualquer preço”.

Quando animicamente a alteridade se impõe na orientação da relação ego-Self, o que acontece é que o encontro de amor será guiado pela aceitação e compreensão mútua das diferenças, limitações e possibilidades de cada parceiro em sua dinâmica vital. Este caminho leva a expansão da consciência, cuja busca maior se dá em viver o grande sim e o absoluto não da vida. Se chegarmos a querer conscientemente o sim e pelo menos suportar o não, diz Jung, já é uma enorme conquista.

Poeticamente isso se encontra na composição “Não se esqueça de mim” de Roberto Carlos e Erasmo Carlos da qual citarei um trecho.

Onde você estiver não se esqueça de mim
Mesmo que exista outro amor que te faça feliz

Se resta em sua lembrança
um pouco do muito que eu te quis
onde você estiver não se esqueça de mim

Eu quero apenas estar no seu pensamento
por um momento pensar
que você pensa em mim

Onde você estiver não se esqueça de mim
Quando você se lembrar
não se esqueça que eu

Que eu não consigo apagar você da minha vida

Onde você estiver, não se esqueça de mim.

Resiliência é um conceito que na física é usado para o material que é capaz de voltar ao seu estado natural após ter sofrido alguma forma de pressão. As ciências humanas utilizam este conceito para qualificar a capacidade de um indivíduo em possuir uma conduta sadia num ambiente desvairado, ou seja, a capacidade de se sobrepôr e se construir positivamente frente às adversidades. A psicologia o explica como a capacidade do indivíduo lidar com problemas, superá-los ou até se deixar transformar por adversidades, dando um realce fundamental a importância das relações familiares. Resiliente é aquele capaz de se recuperar e se moldar a casa obstáculo situacional vivido.

Portanto, resilientemente, os socialmente impedidos de uma união não se impedem de, no íntimo de suas almas, estarem em comum acordo amoroso e diálogo permanente em uma ciranda de criatividade e de vida, facilitando que surjam diferentes estrelas do mar nessa experiência ímpar de confrontar opostos.

Conservam-se os antigos valores que serão acrescidos do reconhecimento e aceitação dos seus contrários.

A integração desses símbolos segundo Jung, consiste no ato individual de realização, compreensão e valoração moral. Trata-se de uma tarefa extremamente difícil, que exige um alto grau de responsabilidade ética. Somente de poucos indivíduos se pode esperar uma capacidade para tal desempenho, e esses não são absolutamente os líderes políticos, mas os líderes morais da humanidade. A preservação e o desenvolvimento da civilização dependem desses homens singulares.

Poder viver com a distância físicas do ser amado, mas não com sua distância afetiva é a saída fecunda para que a alquimia do impossível encontre uma forma de unificar criativamente a energia vital. Com isso se possibilita que a existência humana tenha inúmeras poções de resolução e inventividade, já que não existem formulas mágicas nem verdades eternas a serem aplicadas para resolver os fenômenos tencionais da vida.